



XENÓFANES DE COLOFON E SUA CRÍTICA AOS MÍTICOS PRÉ-SOCRÁTICOS

Elton Vinicius Sadao Tada; William Robson Cazavechia

Acadêmicos do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Marcelo Aleixo Gonçalves

Orientador e docente do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

O período pré-socrático é o período das origens da filosofia grega. Período no qual o homem procura explicar o cosmos e toda natureza se distanciando das narrativas míticas já inculcadas pela tradição de Homero e de Hesíodo. A marca distintiva do período é a mudança de perspectiva perante o cosmo, o que antes era uma cosmogonia passa a ser uma cosmologia. Em outras palavras a razão e não o mito é parâmetro para a explicação. Xenófanes de Colofon se encontra nesse momento histórico, e a presente pesquisa tem por objetivo descrever sua crítica aos míticos que lhe eram contemporâneos. Não apenas no mito como aspecto religioso, mas também na influência mitológica no modo de pensar grego, não apenas na cosmogonia, mas em toda a sociedade. Esse filósofo se destaca dentre os seus contemporâneos devido a peculiar concepção que tem do divino, concebido como o uno. E a partir desta peculiaridade lança seu ataque a tradição religiosa que acaba se estendendo também aos pensadores por ela influenciada. A crítica de Xenófanes aos míticos de sua época pode ser considerada como sendo seu tema central. Em seus fragmentos que nos são legados podemos ver a inovação de suas idéias, que são baseadas no conceito de unicidade do divino e que, por esse motivo, vem de encontro com a sociedade que o cercava. Xenófanes tenta estabelecer o conceito real de divino, ou seja, as características sem as quais não poderia ser ou existir o divino. Tal tentativa não pode ser considerada como uma empreitada simples, tanto é que a fama de Xenófanes se concentra principalmente nesse ponto, não pelo tamanho nem qualidade de sua obra, todavia pela sua ousadia. É de suma importância estabelecer a diferença entre Xenófanes e os demais pré-socráticos. Muitos, mesmo agindo racionalmente, com o passar do tempo se consideravam “profetas”, ou incorporavam aspectos místicos à suas teorias, o que lhes fazia regredir, e voltar ao pensamento subjugado pelos mitos. Xenófanes não teve a pretensão de agir desse modo, antes foi criticado por pouco ter explicado sobre suas idéias. Não o fez em busca de uma verdadeira ciência como era o objetivo principal da maioria dos pensadores de sua época, antes fez sua crítica contra o aspecto religioso que era ensinado em seu contexto. Por esse motivo foi ele considerado um teólogo. O deus de Xenófanes possui as características de tudo ouvir, tudo ver e tudo pensar justamente por estar em todo lugar. Ele diz que os mortais acreditam/imaginam. Termo que nos permite compreender que excluía claramente o aspecto racional do mito e possuía consciência disso. Concebia o fato de que a imaginação dos mortais, sem um aspecto racional, teria influenciado todo o modo de pensar grego em suas raízes. Ademais, compreendia que o mito cegava aqueles que se utilizavam de sua imaginação e da tradição Homérica para elaborar o conceito de princípio. Para Xenófanes o próprio homem havia inventado seus deuses com a imaginação e atribuição de valores e sentidos meramente humanos. Através de pesquisa bibliográfica podemos entender a crítica de Xenófanes aos míticos de sua época, e estabelecer parte de seu pensamento a respeito da divindade. A expressão do próprio filósofo “tudo aos deuses” evoca em si o tema central de seu pensamento, que na verdade, acaba se configurando de forma semelhante a uma sátira aos



pensadores de sua época, que tinham os alicerces do seu pensamento no legado mítico de Homero.

eltontada@yahoo.com.br;maleixo@cesumar.br

PICC - Programa de Iniciação Científica do Cesumar



A MAIÊUTICA SOCRÁTICA: O MÉTODO DE ENGENDRAR O SABER

Elton Vinicius Sadao Tada; William Robson Cazavechia

Acadêmicos do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Marcelo Aleixo Gonçalves

Orientador e docente do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Sócrates, antigo filósofo grego, mesmo sem nada escrever, nos deixou um interessante legado filosófico. Sua história nos é transmitida através de três fontes principais, a saber, Aristófanes, Xenofonte e Platão. Aristófanes escreveu sátiras, de modo que, entender Sócrates por suas narrativas é como conhecer um homem por aqueles que o mataram. Xenofonte focalizou seu escrito no aspecto histórico de Sócrates, exaltando Sócrates enquanto homem, e não discorreu, de fato, sobre seus ensinamentos. Já Platão, foi quem fez sua narrativa de modo mais filosófica, e por isso, o temos como referencial teórico ao estudo sobre o pensamento socrático. Mediante a pesquisa bibliográfica e leitura de textos da obra platônica (Teeteto) procuramos estabelecer o que Sócrates chamou de Maiêutica. Podemos datar a vida de Sócrates de 470 a.C. à 399 a.C., período no qual se deram diversas mudanças no seu modo de pensar e a construção de sua filosofia. Será no final de sua vida que focaremos nosso trabalho. Visto sem novas perspectivas de pensamento afirmativo, Sócrates mostra sua nova fase, que tem como finalidade o “parir do saber”, a maiêutica, ou a arte da velha parteira. Sócrates narra a Teeteto que as velhas parteiras que um dia engendraram, foram ativas na sua juventude e capazes de parir. Quando velhas, a única coisa que a mulher pode fazer é ajudar outras que, estando ainda jovens, podem engendrar. Segundo Sócrates, isso possibilitado aos humanos pela deusa que nunca engendrou, Ártemis, ela que, sendo irmã gêmea de Apolo, ainda no momento de seu parto ajudou sua mãe a parir seu irmão. Assim, Sócrates se considera como uma parteira que, a partir de agora somente ajudaria quem ainda se apresentasse capaz de engendrar algum saber, pois ele mesmo se considera já incapaz de tal ato. Sócrates se considera um parteiro, no entanto, não alguém que fizesse o parto do corpo, mas sim da alma. Podemos perceber nesse momento, que Sócrates cria um método de ensino, o qual se dá de forma a buscar retirar da própria pessoa que está aprendendo, a resposta para seus questionamentos. Dessa forma, o antigo filósofo não ensina como fruto de exaustiva pesquisa e trabalho. Antes, ele mesmo não transmite conhecimento, e sim gera o mesmo. Não que ele se julgava poderoso o suficiente para gerar conhecimento em alguém, pelo contrário, o seu método maiêutico se dá pela sua frustração de nada saber, de modo que, nada sabendo, a única coisa que ele pode fazer é parir o conhecimento naqueles que buscam concebê-lo positivamente. Sócrates não se posiciona diante seus discípulos como o detentor do conhecimento, mas como um facilitador que proporcionava a eles alcançar o conhecimento que, segundo ele, já estava no seu interior. Derradeiramente, podemos entender que as narrativas de Platão nos levam ao conhecimento de Sócrates, de sua história e de como se deu a construção de sua filosofia. Após a sua morte foram muitos que lhe deram atenção e analisaram cuidadosamente suas teorias, tanto para construí-la quanto para criticá-la. Aquilo que de fato Sócrates foi pode ser muito discutido. Talvez há quem ainda o considere um sofista. O que é certo, é que a cada desconstrução através da dialética negativa podemos lembrar da bela filosofia Socrática e de sua morte como consequência da mesma. Assim



poderemos criticá-lo ou admira-lo, mas sem dúvidas a história sempre será justa em lembrar de tão grandioso personagem.

eltontada@yahoo.com.br;maleixo@cesumar.br



O CONCEITO DE DEUS SEGUNDO ÉRICH FROMM

Elton Vinicius Sadao Tada; William Robson Cazavechia

Acadêmicos do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Marcelo Aleixo Gonçalves

Orientador e docente do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Conceituar Deus não pode ser, de modo algum, uma tarefa fácil. Por isso, não é nosso objetivo fazermos um tratado exaustivo sobre esse assunto, bem pelo contrário, nos preocuparemos aqui em citarmos alguns pontos básicos e discuti-los, tudo isso com um referencial teórico bem definido: Erich Fromm. Este escritor, nasceu em Frankfurt, na Alemanha em 1890, em uma família muito religiosa de judeus ortodoxos. Foi psicoterapeuta e professor. Cabe aqui, ao resumirmos esse assunto, destacar os pontos principais da problemática que será desenvolvida em nosso trabalho. Primeiramente, ao conceituarmos Deus, caímos no problema do “ato de conceituar”. O conceituar de algo é sempre um árduo trabalho, pois envolve diversas questões que devem ser analisadas, para que o objeto a ser contextualizado não seja diminuído por nós ao nosso próprio conceito. Em segundo lugar, observamos o problema teológico da conceituação de Deus. Sobre isso podemos formular inúmeras questões: qual será o deus a ser conceituado? Nos referiremos a qual povo? Qual mito? De que forma faremos isso? Já no início do segundo capítulo da obra “O espírito de liberdade”, de Fromm, ele já nos traz uma importante contribuição ao dizer que se os conceitos têm vida própria e que se desenvolvem, só se pode compreender se não estiverem separados da experiência a que dão expressão. Desse modo podemos ver que, segundo Fromm, pouco adianta conhecermos o conceito de Deus se tal conceito não fizer sentido em uma experiência com o ser humano. O problema posto por Fromm é que, um conceito idealizado por uma pessoa não pode ter seu valor simplesmente universalizado, de modo que, sempre que nos referirmos à nomenclatura daquele conceito ele signifique realmente aquilo que foi primeiramente proposto. Ainda segundo Fromm, podemos notar, no antigo testamento momentos bem distintos entre si, que demonstram certa “evolução” na forma de se pensar Deus. Inicialmente, os hebreus concebiam Deus como sendo algo intocável, explicitamente temível e todo-poderoso, que tinha feito a terra e tudo que existia, e que poderia a qualquer momento, fazer com que tudo deixasse de existir de maneira tão simples quanto as tinha chamado à existência. Entretanto, a partir da queda houve uma mudança, na qual o homem deixou de ser uma criatura ignorante para possuir o conhecimento do bem e do mal. Nesse momento, “o homem passa a ser um pouco Deus”. Após a queda e com o advento das alianças, o ser humano se eleva nessa relação, pois a partir de então, Deus tinha que cumprir sua parte na aliança, ou seja, poderia ser cobrado e desafiado pelo ser humano, assim como teria que cobrar e desafiar o mesmo para que suas cobranças fossem obedecidas. Por isso, deixa de ser concebido de forma tão magnífica quanto era anteriormente. A partir de então, Deus está limitado pelas normas da justiça e amor. Entretanto, a fase mais interessante da evolução de Deus é a que se segue: a revelação de Deus a Moisés. O fato peculiar da revelação de Deus é que ele se apresenta sem um nome. Desse modo, Moisés se sente confuso, e pergunta a Deus como ele deveria chama-lo. Deus pede para que o chame de IAWEH, ou seja, “eu sou”, ou ainda “ eu serei”. Segundo os pontos acima citados, através de revisão bibliográfica podemos ver que, segundo Fromm, o conceito de Deus está estritamente ligado com a situação, e não pode ser feita nenhuma análise fora da



mesma, por isso, ao tentarmos, como é feito por Fromm, entender o Deus do antigo testamento, devemos levar em conta primeiramente a situação, e a partir de uma análise da mesma, compreendermos qual era o sentido dado a Deus naquele momento histórico e religioso.

eltontada@yahoo.com.br; maleixo@cesumar.br



MULHERES E RELIGIÃO EM CONFLITO: ESTUDO DAS CONDIÇÕES DA MULHER TRABALHADORA, SEUS CONFLITOS E SUA RELIGIOSIDADE

Magali Scopel de Araujo

Acadêmica do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Calvino Camargo; Luciane dos Santos Iriyoda

Orientadores e docentes do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

A partir do século XIX a mulher entrou no mercado de trabalho remunerado e passou a ser uma importante fonte de sustentação econômica para a família. Nos dias atuais, além do tempo dispensado ao trabalho doméstico e ao trabalho remunerado, a mulher se vê obrigada a cumprir um outro turno nas escolas e universidades, buscando qualificações profissionais, para conseguir superar a competição no mercado de trabalho. Entretanto, as pesquisas apontam que, não houve uma divisão igualitária dos deveres domésticos, incluindo os cuidados com os filhos. A mulher continua sendo responsabilizada pela administração do lar (BIASOLI-ALVES, 2000; FLECK, WAGNER, 2003; KUBLIKOWSKI, MACEDO, 2001). Tamanha sobrecarga de trabalho tem provocado um desgaste físico e emocional à mulher, que, ao mesmo tempo em que ajuda a manter o equilíbrio financeiro, vê a família sendo desestruturada, pelo afastamento dos filhos e a falta de disposição para o relacionamento conjugal, acrescentando a sensação de culpa, por não estar cumprindo o papel de mãe e esposa como gostaria ou como a sociedade requer (FLECK, WAGNER 2003; BIASOLI-ALVES, 2000). Este trabalho procura identificar, descrever e analisar os conflitos entre concepções religiosas que orientam as práticas e atitudes na atualidade, e demandas específicas do cotidiano de mulheres pertencentes a grupos religiosos orientados pelas concepções cristãs de tradição evangélica. Para atingir o objetivo proposto, serão analisados relatos de (30) trinta mulheres cristãs de tradição evangélica, residentes na região de Maringá, no Estado do Paraná, que estejam em plena atividade profissional, casadas há mais de três anos, pertencentes, oficialmente ao grupo religioso há pelo menos cinco anos e com pelo menos um filho. A pesquisa justifica-se pela necessidade do entendimento do contexto atual da mulher cristã evangélica, buscando compreender as implicações dos conflitos a serem identificados e suas relações com as formas utilizadas para lidar com o cotidiano do trabalho, da família e com sua religiosidade. Com isso, pretende-se contribuir com subsídios para reflexão sobre a importância de atenção e ajuda em nível de aconselhamento pastoral à essa demanda presente nas comunidades religiosas.

magaliscopel@hotmail.com;calvino@cesumar.br

PROBIC – Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar



O LIMITE DOS FILHOS DO HOMEM: EXEGESE DO SALMO 146

Willian Robson Cazavechia; Elton Vinicius Sadao Tada

Acadêmicos do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Marcelo Aleixo Gonçalves

Orientador e docente do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Tehillim, da raiz hll (hebraico), significa hinos, loas, cantos de louvor, acabou sendo título de toda uma antologia hebréia de 150 “orações poéticas” que compõe o livro dos Salmos. Gênero que deu nome a toda a coleção, porque é título amplo ou porque louvar a Deus considera-se a tarefa primária de quem ora. Em geral, os Salmos são declarações de relacionamento entre Israel e seu Deus cujo tema predominante é a aflição e libertação do povo israelita. Têm em sua forma dois elementos essenciais: a exortação ao louvor e a razão para prestá-lo. O saltério é o respiro poético e orante de pelo menos um milênio de história literária de Israel, é de gênero lírico cujo papel não é informar ou ensinar, mas expressar sentimentos que exprimem o que acontece e o que se move no espírito, com o alento e a inspiração da “musa poética”. O segredo da poesia reside mais no acontecimento poético da inspiração do que nos fatores formais. Entretanto, estes fatores formais não deixam de ser importantes para uma compreensão da poesia bíblica. O salmo 146 é um hino e pertence à última coleção encontrada no saltério e é o primeiro dos salmos de Aleluia. Provavelmente é pós-exílico composto antes dos tempos macabaicos. Sobretudo, é impossível atribuir uma data específica devido ao gênero literário de hino. “Vazado em termos gerais” refere-se a conteúdos e atos já conhecidos e supostos. Seu conteúdo indica o seu lugar no culto festivo da comunidade. De modo geral se configura como salmo de re-orientação, que afirmam que a ordem precisa ser reconquistada, representam novos esforços pela justiça. O hino tem na tradição duas funções básicas: reconhecer e testemunhar a revelação, poder e salvação numa relação recíproca, e, proclamar essa revelação tanto a comunidade como para o mundo a fim de manter a tradição cultica da salvação. Pertence à participação humana no ato cultico, e, tornou-se parte no judaísmo tardio da oração diária da manhã. É um hino de louvor celebrado em lugar público. O trabalho foi realizado a partir do método exegético. Tal método é constituído de várias fases. Dentre elas, tradução do texto original (Hebraico) para o Português e crítica literária. O objetivo é estabelecer o significado original. Enquanto salmo de re-orientação se configura como uma forma de recuperar e identidade do povo de Israel a partir de sua fé.

wrcazavechia@msn.com; maleixo@cesumar.br



O SENTIDO PERDIDO DA EXISTÊNCIA: REFLEXÃO SOBRE ECLESIASTES 4,1-3

Willian Robson Cazavechia; Elton Vinicius Sadao Tada

Acadêmicos do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Marcelo Aleixo Gonçalves

Orientador e docente do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Eclesiastes é o nome mais comum de um dos livros que compõe a terceira parte da Bíblia Hebraica, os Escritos. De caráter basicamente sapiencial, a coleção foi a última a tomar forma frente à Torá e Profetas, segundo a história da formação do cânon. Eclesiastes recebeu o nome a partir da tradução que a Septuaginta traz do termo hebraico Qohélet. O significado dessa palavra hebraica não é de apenas “pregador” como traduziu Lutero, mas “aquele que reúne a assembléia”. Qohélet reuniu alunos, e coligiu ditos e reflexões sapienciais, portanto, se coloca entre os mestres da sabedoria de Israel. Embora se volte contra o otimismo ingênuo da sabedoria antiga e aponta os seus limites, se esforça para, a partir de si próprio e do povo, reunir a cultura e a experiência para fazer aquilo que era o ideal do sábio em Israel: reunir, articular e dar forma à sabedoria do povo. Para tanto experiências de séculos e reflexão pessoal se fundem na pessoa na missão do sábio de Israel. Conquanto, naturalmente não pode permanecer isolado de sua própria época, da cultura que o rodeia, da problemática provocada pelo contato com povos vizinhos. O trabalho foi realizado a partir do método exegético. Tal método é constituído de várias fases. Dentre elas, tradução do texto original (Hebraico) para o Português e crítica literária. O objetivo é estabelecer o significado original. Qohélet era usado na Festa dos Tabernáculos (Succot). Tal uso provavelmente indique o livro como parte da vida cotidiana na qual os homens e mulheres devem enfrentar as dificuldades da mesma. As críticas da obra são direcionadas aos acontecimentos do cotidiano minando o dogma da retribuição através de toda a escala da experiência humana e, sobretudo, com respeito a todos os esforços humanos após sucesso ou proveito. O que acontece é que esse livro resulta de uma crise da sabedoria em Israel no sentido de que os resultados até então alcançados são postos em dúvidas se distanciando do otimismo dos seus procedentes. Qohélet direciona sua crítica aos sábios que acreditavam ter explorado os acontecimentos do mundo. Embora sua questão esteja no “imprevisível acaso” que o impede descobrir quanto Deus realiza debaixo do sol, a crise sapiencial é uma crise da “idéia de Deus” que impede a concepção de um Deus “tapa-buracos” e “explica-tudo”. Qohélet ataca diretamente a sabedoria vinculada com o cálculo da economia monetária em que ele e o povo se viam imersos, ele procura sabotar alguns dos princípios e pressupostos da economia monetária helênica que causava tanta ruína. A perícopes de Eclesiastes 4,1-3 demonstra o conflito existencial do sábio israelita diante as mazelas e injustiças sociais.

wrcazavechia@msn.com; maleixo@cesumar.br



MODOS DE VIOLÊNCIA E OPRESSÃO NO MUNDO BÍBLICO

Willian Robson Cazavechia

Acadêmico do Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Luiz Alexandre Solano Rossi

Orientador, Curso de Teologia do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Maringá - Paraná

Israel ou reino do Norte é caracterizado pela injustiça. A pesquisa consiste em descrever como o Imperialismo assírio fomentava tal situação. O abandono dos princípios da Aliança por parte de Israel é evidenciado pelas narrativas bíblicas de luta, opressão e violência. O militarismo assírio veio a ser um grande aliado desta situação nos diversos âmbitos da sociedade desse pequeno Estado, porquanto, o objetivo de um Império é que seus vassallos reflitam seus valores e costumes. A forma com que a Assíria impunha sua cultura bélica sobre Estados menores além de violenta era bem estruturada e estava enraizada no próprio modelo de sociedade. Os subordinados eram, em todos os âmbitos, obrigados a se submeter ao domínio assírio, ou seja, estavam sob a administração central e provincial, eram tributários, tinham as mesmas camadas sociais e eram súditos do deus Assur. Ademais, o militarismo está vinculado com o fenômeno religioso, e os dois pertencem ao embasamento ideológico. Embora os níveis de dominação do sistema assírio variem, a prática da violência incorporada no exército sempre esteve presente. Essa variação acontece devido ao procedimento assírio de dominação que se pode chamar de “estágios”. A dominação e aniquilação da autonomia política dos vassallos a partir das inovações feitas por Tiglat-Pileser III aconteciam em três estágios diferentes. A saber: 1) estágio em que se constitui o relacionamento de vassalagem; 2) estágio que, em suspeita de conspiração, era instalado um vassallo pró-assírio; e 3) estágio que, em caso de um empreendimento antiassírio, a autonomia política era eliminada e o estado vassallo passava a ser uma província assíria. Todavia, as subordinações dos Estados não obedeciam necessariamente essa ordem. As situações e as diferentes reações eram que determinavam a ação dos assírios. Portanto, compreender a ação do império Assírio nos proporciona ferramentas para compreendermos as conseqüências dessa ação sobre outros povos, sobretudo, Israel e a tradição profética que se desenvolve em seu interior como resposta as vicissitudes sofridas. A profecia israelita em meio a todos estes acontecimentos os acompanhava com comentários interpretativos e quebrava o silêncio com relação às atrocidades cometidas contra Iahweh (Aliança). As tradições proféticas de Amós e Oséias têm por pano de fundo esse período de crise enfrentado por Israel devido às vicissitudes causadas pelo levante assírio. A decadência interna expressava-se na crise política.

wrcazavechia@msn.com; luizalexandre@cesumar.br

PICC – Programa de Iniciação Científica do Cesumar